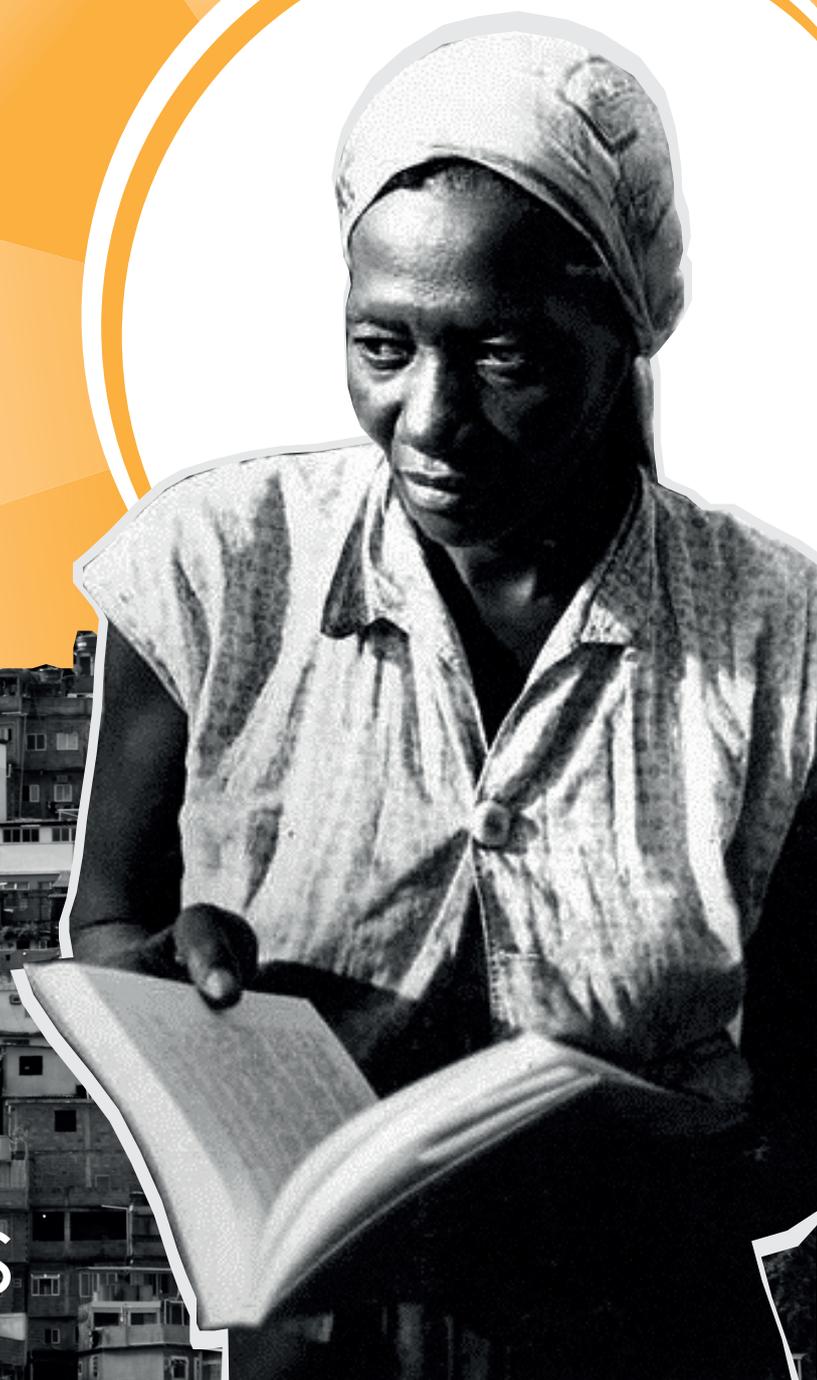
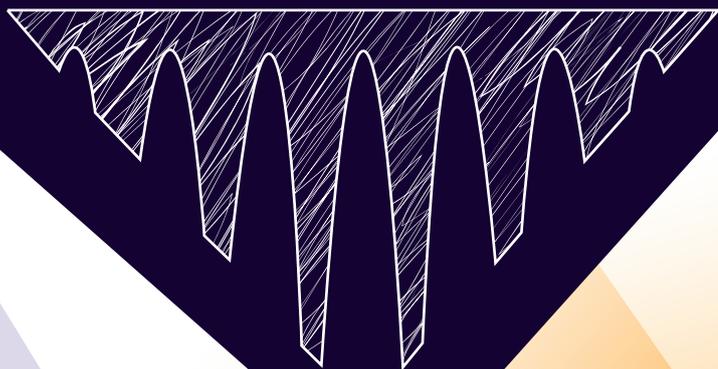


# a\_Ponte

março  
2021

revista  
#4



conexão  
de saberes

# apresentação

## “(entre)linhas literárias”

**Geoliteratura** diz respeito à territorialidade construída em determinado ‘espaço-tempo’, contada através de uma forma particular de subjetivação da narrativa. A forma literária. Que se apresenta de diversas maneiras: em prosa, em verso, e até naquilo que a gente não sabe muito bem como nomear, porque a palavra exata escapa: textos. No plural. Textos já cabe pra dizer o que pode ser literatura.

Diz respeito, portanto, a como o Eu fala ao Outro sobre sua forma de ver o mundo. Essa lógica acrescida do prefixo *geo* marca um *lugar*. Considera uma maneira própria de valorização da visão de mundo *onde* ela se define, a partir da identidade que se estabelece com a Terra.

Literatura é fuga.

*“Partir, partir, evadir-se (...) atravessar o horizonte, penetrar em uma outra vida (...) A linha de fuga é uma desterritorialização.”*

Desterritorializar-se para penetrar em territórios alheios. Ousar enxergar o mundo através da fantasia do Outro.

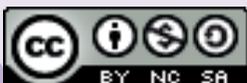
Já dizia o ditado: *“pra se conhecer a cultura de um povo, leia sua literatura”*.

Em tempos de desmates, desmontes e desamparos, uma revista que empresta olhares pra enxergar essa rota de fuga de si. Pra *“reflorestar pensamentos e afetos”*. Quem sabe assim, saindo de si, *desterritorializando-se*, a gente não passe a enxergar a importância do(s) Outro(s) pra construção do Eu. A importância do corpo coletivo. Do **ser social**.

**Conexão de saberes** é o nome, mas também a missão, e foi construída com bastante carinho e a muitas e ancestrais mãos, corpos, mentes.

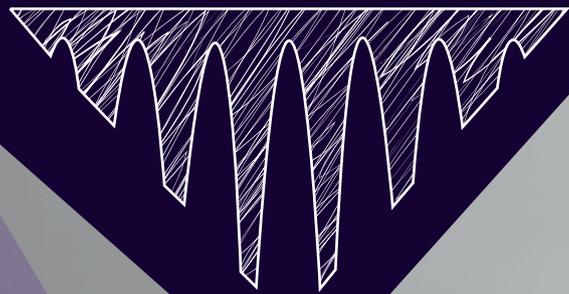
Boa leitura!

as editoras



Essa licença permite que você compartilhe, remixe, aprimore e adapte este trabalho **não comercialmente**, desde que você credite a\_Ponte e licencie suas novas criações sob os mesmos termos.

# a\_Ponte



você encontra  
nesta edição:

2\_carolina maria de jesus

5\_quarto de despejo: diário de uma favelada

9\_torto arado

12\_o menor amor do mundo

18\_as cidades invisíveis

21\_equipe de elaboração

23\_sobre a\_Ponte

... além de fotos e poesias

Praça do comércio  
Lisboa, Portugal  
(2016)

JAMAIS MINHAS GERAIS  
VIBROU DENTRO DE MIM

O RUMOR DE SEU INVISÍVEL MAR  
E O OURO PURO DE SEU TAMBOR

TRANSATLÂNTICO NEGRO  
COMO NAQUELE BREVE MAIO

ENSOLARADO DE ALEGRIAS  
QUANDO EU DEAMBULAVA

PELOS BECOS E LADEIRAS  
DE COIMBRA E DESCOBRI

EM MEIO AOS GRAVES PORTUGAIS  
OS TIMBRES DE PEQUENAS

ÁFRICAS UTÓPICAS  
ALI EM MEIO AOS PORTUGAIS

**OURO PURO**  
Ricardo Aleixo

# carolina maria de jesus

por Talita Gantus

Carolina foi uma escritora e poeta, e escreveu diversas obras em formas literárias variadas. Apesar do sucesso alcançado através de *Quarto de despejo*, a escritora permanece apagada na história da literatura brasileira. Para além disso, Carolina é colocada no lugar daquela que foi salva por uma alma compadecida representada (como não nos surpreende) por um homem branco - o repórter Audálio Dantas, editor da primeira obra publicada de Carolina.

A inserção da Carolina no mercado literário foi caracterizada pela construção do imaginário de porta-voz da favela. A poetisa colocada no local da escrita da miséria. Tanto pela escrita não-formal, visto que Carolina não era formalmente alfabetizada e seus escritos fugiam da norma ortográfica, quanto [e principalmente] por ser uma mulher negra, empobrecida pelo sistema e favelada.

Empobrecida pelo mesmo sistema que tentou lucrar em cima de sua obra best-seller. E, como se não bastasse, o sistema que também definiu qual obra seria publicada: a autobiografia que fala da favela, mas não a poesia que fala de amor. *O sistema que quer controlar quem fala e o que fala.*

Discriminada pela mesma norma gramatical culta que concede licença poética aos autores [brancos e/ou homens] ao chamar de neologia o que, em Carolina, é analfabetismo.

Logo me lembro de Lélia González, quando diz:

*“É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que estão falando **pretuguês.**”*

Somos uma nação que nega as marcas coloniais que lapidaram nossa sociedade classista, racista e patriarcal. No dia 25 de fevereiro, a UFRJ concedeu o título de Doutora Honoris Causa à escritora Carolina Maria de Jesus. Nesse mês de março, próximo ao 8M, Dia Internacional da Mulher (data que marca o calendário de lutas da classe trabalhadora), nesta revista que fala sobre **geoliteratura**, nossa homenagem é a essa mulher aguerrida que encontrou na escrita sua pulsão de vida. Que nos conta de um Brasil através de suas angústias. Mas, não basta apenas homenageá-la, precisamos promover uma **mudança radical** nessa sociedade que ainda hoje produz incontáveis [embora profundamente subjetivas] Carolinas às margens de outros tietês.

## Carolina Maria de Jesus: vida e obra<sup>1</sup>

“Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, Carolina cresceu em uma família com mais sete irmãos. A jovem recebeu o incentivo e a ajuda de Maria Leite Monteiro de Barros – uma das freguesas de sua mãe – para frequentar a escola. Com sete anos, ingressou no colégio Alan Kardec, onde cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Apesar de pouco tempo na escola, Carolina logo desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita.

Em 1924, em busca de oportunidades, sua família mudou-se para Lageado, onde trabalharam como lavradores em uma fazenda. Em 1927, retornaram para Sacramento. Em 1930 a família vai morar em Franca, São Paulo, onde Carolina trabalha como lavradora e, em seguida, como empregada doméstica. Com 23 anos, perde a sua mãe e vai para a capital onde emprega-se como faxineira na Santa Casa de Franca e, mais tarde, como empregada doméstica. Em 1948 mudou-se para a favela do Canindé. Nos anos seguintes, Carolina foi mãe de três filhos, todos de relacionamentos diferentes.

Morando em uma favela, durante a noite trabalha como catadora de papel. Lê tudo que recolhe e guarda as revistas que encontra. Estava sempre escrevendo o seu dia a dia. Em 1941, sonhando em ser escritora, vai até a redação do jornal Folha da Manhã com um poema que escreveu em louvor a Getúlio Vargas. No dia 24 de fevereiro, o seu poema e a sua foto são publicados no jornal.

Carolina continuou levando regularmente os seus poemas para a redação do jornal. Por esse motivo acabou sendo apelidada de “A Poetisa Negra” e era cada vez mais admirada pelos leitores. Em 1958, o repórter do jornal Folha da Noite, Audálio Dantas, foi designado para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé e, por acaso, uma das casas visitadas foi a de Carolina Maria de Jesus. Carolina lhe mostrou o seu diário, surpreendendo o repórter. Audálio ficou maravilhado com a história daquela mulher.

Em 1960 foi finalmente publicado o livro autobiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Com o sucesso das vendas, Carolina deixa a favela e pouco depois compra uma casa no Alto de Santana. Recebe homenagem da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo.

Em 1961, a autora viaja para a Argentina onde é agraciada com a “Orden Caballero Del Tornillo”. Nos anos seguintes, Carolina publica: *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1965). Apesar de ter um livro transformado em best seller, Carolina não se beneficiou com o sucesso e não demorou muito para voltar à condição de catadora de papel. Em 1969, mudou-se com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que foi praticamente esquecida pelo mercado editorial.

Carolina Maria de Jesus faleceu em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977.” ▼

---

<sup>1</sup> biografia de autoria de Dilva Frazão, retirada de e-biografia. <[https://www.ebiografia.com/carolina\\_maria\\_de\\_jesus/](https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/)> acesso em março de 2021

O BANZO RENASCE EM MIM.  
DO NEGROR DE MEUS OCEANOS  
A DOR SUBMERGE REVISITADA  
ESFOLANDO-ME A PELE  
QUE SE ALEVANTA EM SÓIS  
E LUAS MARCANTES DE UM  
TEMPO QUE ESTÁ AQUI.  
O BANZO RENASCE EM MIM  
E A MULHER DA ALDEIA  
PEDE E CLAMA NA CHAMA NEGRA  
QUE LHE QUEIMA ENTRE AS PERNAS  
O DESEJO DE RETOMAR  
DE RECOLHER PARA  
O SEU ÚTERO-TERRA  
AS SEMENTES  
QUE O VENTO ESPALHOU  
PELAS RUAS...

**FILHOS DA RUA**  
Conceição Evaristo

# quarto de despejo: diário de uma favelada

de Carolina Maria de Jesus  
por Talita Gantus

*Quarto de despejo* foi o maior sucesso de **Carolina Maria de Jesus**: teve 30 mil exemplares vendidos apenas na primeira edição, em 1960, e foi traduzido para 13 idiomas, distribuído em mais de 40 países. Mas Carolina foi uma escritora, e não escreveu um livro só.

O diário de Carolina Maria de Jesus, que retrata acontecimentos de julho de 1955 e do período entre maio de 1958 e 1º de janeiro de 1960, nos narra a vida dura de uma catadora de papel, negra, moradora de favela. Uma narrativa costurada pela repetição que só a vida humana nua e crua é capaz de permear. Carolina era mãe solo de 3 crianças, com pouca escolaridade e moradora da favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na já desigual e gigante cidade de São Paulo.

O livro traz a possibilidade do *sentir*. Na ausência de palavras, a cor vira uma artífice para dar significado àquilo que não se conhece quando não se sente. Uma metonímia para dar sentido àquilo que não se sente quando não se vive. "**A Fome** é um soco no estômago. A **cor da fome** é **amarela**." Na falta do que comer, Carolina revirava o lixo. Para disfarçar a angústia, Carolina escrevia. Só não escrevia quando tinha fome.

Me lembro de um verso da canção de Abel Silva: "Só uma palavra me devora, aquela que o meu coração não diz." Carolina escrevia para não ser devorada pela palavra, e da comida da lata de lixo, logo me lembro de um texto de Lélia Gonzá-  
lez<sup>1</sup>:

*"na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa."*

Carolina fala, e, talvez por isso, suas outras obras tenham sido caladas. Escutei, numa conversa sobre vida e obra da autora<sup>2</sup>, que, depois de vender seus primeiros livros e ganhar seu primeiro dinheiro como escritora, ela foi a uma coletiva de imprensa arrumada, limpa e com roupas novas. No que os jornalistas, desiludidos com

<sup>1</sup> Gonzalez, L. (1983). Racismo e sexismo na cultura Brasileira. Silva, Luiz Antonio. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. ANPOCS. Brasília.

<sup>2</sup>A que será que se destina?: a produção literária de Carolina Maria de Jesus. Mesa redonda, em *Universidade em movimento*, Congresso virtual UFBA, 2021. <<https://www.youtube.com/watch?v=gfjzedVZq50>>

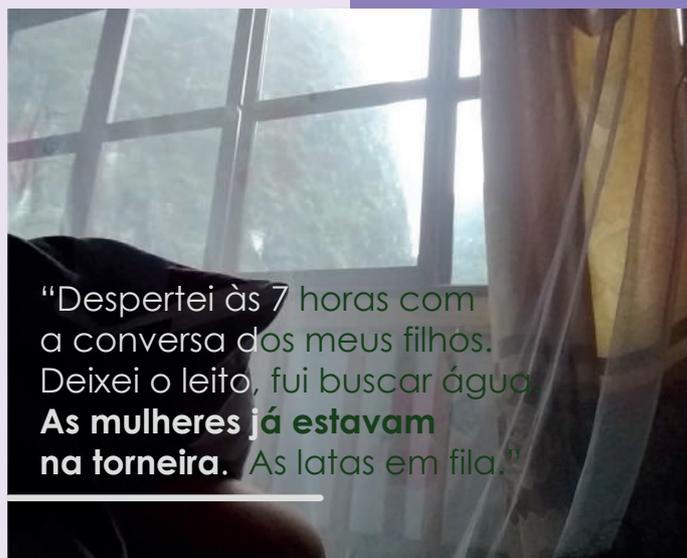
aquela mulher que nada tinha a ver com a mulher preta, catadora, favelada do livro que o imaginário branco tinha fantasiado - já que perfumada e alimentada -, pediram ao editor para que ela se “vestisse de Carolina”.

Querem-nas famintas e maltrapilhas, não as querem escritoras.

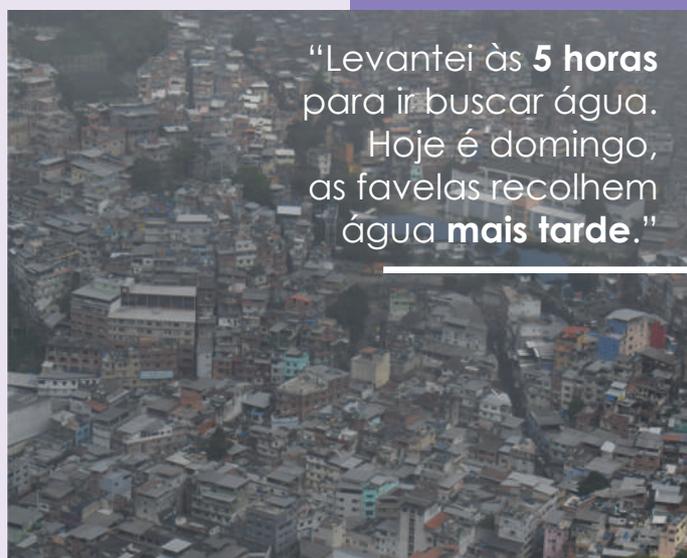
*“10 de junho de 1959. Na cidade eu disse para os jornaleros que a reportagem era minha. Como eu estava limpa não acreditaram. Pensei: será que eu tenho que andar sempre suja?”*

Querem-nas sujas e caladas porque, ali, “o lixo fala, numa boa”. Fala da cidade que o branco rico não vê. Da segregação socioespacial real, abissal e dura, da autoconstrução das moradias de forma precária, da mulher que subiu seu barraco no braço sem a ajuda de nenhum homem. “*Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê*”.

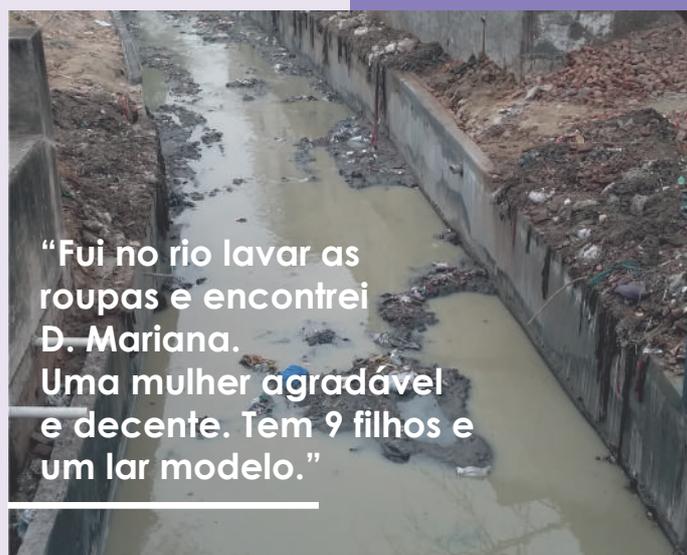
Fala da escolha [um tanto compulsória] de construir uma casa às margens do rio que inunda, que é o mesmo rio em que ela lava as roupas dos brancos. Sem água não há vida, não há sustento, não há refeição, e, já que ela não sai pela torneira [aliás, também não há torneira], se lida com a enchente esporádica ou se lida com a insegurança hídrica cotidiana. Escolha árdua à época, e que não se desfez, tendo visto que a falta d’água ainda é uma realidade para 16% da população brasileira<sup>3</sup>, 70 anos depois do Quarto de despejo:



“Despertei às 7 horas com a conversa dos meus filhos. Deixei o leito, fui buscar água. **As mulheres já estavam na torneira.** As latas em fila.”



“Levantei às 5 horas para ir buscar água. Hoje é domingo, as favelas recolhem água **mais tarde.**”



“Fui no rio lavar as roupas e encontrei **D. Mariana.** Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo.”

<sup>3</sup> Raio X do saneamento no Brasil: 16% não têm água tratada e 47% não têm acesso à rede de esgoto. Acesso em 6 de março de 2021. <<http://glo.bo/3cb9Mue>>

Carolina, que nem conhecia a palavra feminismo, já falava sobre o medo das mulheres no espaço urbano, que merece atenção especial por não ter como fundamento a mesma preocupação com a violência patrimonial (medo de roubar o celular ou a carteira): o medo das mulheres nas cidades é baseado na violência física e sexual; ou seja, na violência de gênero. As mulheres não vivem a cidade por inteiro, passam por uma prática diária de negociação de espaços públicos; embora, para Carolina, não houvesse possibilidade de negociação porque não havia escolha. Não há muitas saídas quando se cata papelão pela cidade para alimentar uma família. Parafraseando uma amiga, “quem não carrega o balde d’água não sabe o peso que ele tem”.

Carolina fala da cidade dual, do *apartheid* racial que Milton Santos, geógrafo, falava em *O espaço do cidadão*<sup>4</sup> na década de 1980, e que Ermínia Maricato, urbanista, ainda fala hoje *Pra entender a crise urbana*<sup>5</sup> em pleno século XXI, enquanto se espera que a “tecnologia tire”, finalmente, as pessoas da miséria e da fome.

Migrante recém chegada do interior de Minas, Carolina desembarcou na estação da Luz em 1947. Ao desembarcar, viu da cidade primeiro o centro e capturou, em sua primeira visada sob a multidão, a expressão dos sujeitos que não estavam mudos: as bocas que falavam, brancas ou negras, eram as bocas que sorriam. “E se o povo está sorrindo então a cidade é boa.” Carolina narra a dura realidade dos migrantes, e conta o outro lado da famigerada “industrialização” que levou os “retirantes” em busca de trabalho para aquela que seria a “cidade das oportunidades”.

O êxodo rural concreto e real, diferente daquele narrado nos livros de geografia da minha infância.

Para a autora, “a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.” Carolina já previa a contradição de uma constituição que seria promulgada dali a 30 anos, depois de uma ditadura, e que hoje traz em seu artigo 6º o amplo direito dos/as cidadãos/ãs brasileiros/as à educação, saúde, alimentação, à assistência aos desamparados. Apesar da Constituição, apesar de o *Quarto de despejo*, ainda hoje há Carolinas, Marias, Franciscas e tantas outras que, assim como ela, “Sonham em residir em uma casa residível”, e ter tudo aquilo que o Estado diz, em sua letra, ser seu dever prover. Elas querem mais, inclusive a voz.

Evoco Audre Lorde, que aqui muito bem cabe:

**“Quais são as palavras que você ainda não possui? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole diariamente e tenta tornar suas, até que você adoença e morra delas, ainda em silêncio?”**

*Quarto de despejo* é fundamental para entendermos os processos de valorização e legitimação do texto literário. Uma leitura que rompe com o lugar imposto pela ordem colonial [logo racista e patriarcal] através da escrita, em que Carolina inscreve sua voz livre e altiva de mulher negra aguerrida, quando dela só esperavam o silêncio, o lixo e a fome. ▼

---

<sup>4</sup> Santos, Milton. (2007). *O espaço do cidadão* (Vol. 8). Edusp.

<sup>5</sup> Maricato, E. (2015). *Para entender a Crise Urbana*. Expressão Popular.

OS OSSOS DE NOSSOS ANTEPASSADOS  
COLHEM AS NOSSAS PERENES LÁGRIMAS  
PELOS MORTOS DE HOJE.

OS OLHOS DE NOSSOS ANTEPASSADOS,  
NEGRAS ESTRELAS TINGIDAS DE SANGUE,  
ELEVAM-SE DAS PROFUNDEZAS DO TEMPO  
CUIDANDO DE NOSSA DOLORIDA MEMÓRIA.

A TERRA ESTÁ COBERTA DE VALAS  
E A QUALQUER DESCUIDO DA VIDA  
A MORTE É CERTA.

A BALA NÃO ERRA O ALVO, NO ESCURO  
UM CORPO NEGRO BAMBEIA E DANÇA.  
A CERTIDÃO DE ÓBITO, OS ANTIGOS SABEM,  
VEIO LAVRADA DESDE OS NEGREIROS.

**CERTIDÃO DE ÓBITO**  
Conceição Evaristo



Catacombes  
Paris, França  
(2017)

# torto arado

de Itamar Vieira Júnior  
por Marina Morgan

*Torto Arado*. Se você gosta de literatura, provavelmente tem escutado bastante as duas palavras que batizam o livro de **Itamar Vieira Júnior**, vencedor do prêmio Jabuti de Romance Literário em 2020 e fenômeno editorial no país. O título chama atenção talvez pelo incômodo que o adjetivo anteposto ao substantivo gera em quem lê, e, na edição brasileira, a ilustração de duas mulheres negras usando turbantes e segurando espadas-de-são-jorge impressiona quem passa os olhos sobre a capa.

Ambas qualidades instigam os leitores a conhecer o que será contado nas quase 270 páginas que compõem o livro, mas é a história das irmãs Bibiana e Belonísia que, com toda a sua potência, marca de maneira positiva – e também perturbadora – quem se aventura a conhecer a vida dos trabalhadores rurais da fazenda Água Negra.

Lançado em 2019, *Torto Arado* se tornou um clássico instantâneo, tendo vendido mais de 60 mil exemplares e estando atualmente em sua oitava reimpressão. O sucesso do romance se dá não somente pela narrativa simples, profunda e fascinante do autor, como também pela ponte que constrói entre a ficção e a realidade de milhares de brasileiros esquecidos (não só) nos rincões do país.

Itamar Vieira Júnior é geógrafo e doutor em Estudos Técnicos e Africanos

pela UFBA e trabalha como servidor público no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). A partir de suas experiências profissionais, quando conheceu a realidade do dito "Brasil profundo" em trabalhos de campo, escreveu o livro que rapidamente alcançou o mesmo posto dos romances da geração de 1930, obras com forte engajamento sócio-político como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo e *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

O caráter atemporal de *Torto Arado* é um dos expoentes do livro – a história pode ter acontecido tanto no Brasil colônia quanto no de Jair Bolsonaro. A relação entre a família de Zeca Chapéu Grande e a terra que ocupa choca por descortinar feridas antigas que nunca sararam: um Brasil arcaico cujo trauma da escravidão ainda o persegue. Ambientado na Chapada Diamantina, na região central da Bahia, conta a vida de trabalhadores rurais em regime de servidão numa fazenda agrícola. Histórias que nos remetem aos recentes casos de trabalho análogo à escravidão que assombram constantemente o país, não apenas no campo como em grandes centros urbanos.

A função social da terra é a coluna dorsal do romance: ela é entendida pela comunidade explorada não como um bem econômico, mas como um **direito à vida**.

---

<sup>1</sup> Mulher é libertada em MG após 38 anos vivendo em condições análogas à escravidão. Acesso em 6 de março. <<http://glo.bo/3kPkiel>>



A relação afetiva entre os trabalhadores e a terra é perpassada por questões importantes como direito e uso, mas também pela concepção de que ela adquire valor simbólico se trabalhada por quem dela vive – visto que o valor real, em condições de exploração, é monopolizado por aquele que explora.

Na geografia daquele sertão baiano, os que labutavam a terra não a possuíam; os proprietários apareciam raramente, mas não permitiam que os trabalhadores construíssem suas moradas em alvenaria. No fim do expediente na plantação dos senhores, quando voltavam para suas casas de barro, cuidavam das pequenas roças familiares de onde tiravam seu sustento. O salário que lhes era pago era a autorização para habitar aquele chão.

Apesar da vulnerabilidade, a pequena comunidade de trabalhadores descendentes de pessoas escravizadas mantinha antigos hábitos de solidariedade entre si e era resiliente diante da violência do Estado e da história. O forte apelo à ancestralidade é percebido em vários pontos do livro – como na prática do Jarê, religião de matriz africana com seus encantados e pais-de-santo, nas histórias quilombolas e nas manifestações poéticas sobre a grande diversidade brasileira.

Os longos parágrafos, narrados sempre por personagens femininas, remetem à oralidade da linguagem geográfica que

transita entre o real e o fantasioso.

As personalidades das mulheres do romance refletem a realidade do campo, observada pelo autor em sua atuação como servidor público: as relações familiares, a insubordinação social e a elaboração de um discurso do campo, indo contra o imaginário da falta de consciência política e social dos moradores de zonas rurais.

Como pano de fundo de toda a análise social dura e necessária, *Torto Arado* nos envolve no dia a dia comum da comunidade, dos pontos de vista ora de Bibiana, ora de Belonísia, ora de uma terceira personagem, sólida e forte como as primeiras. Nesse envolvimento de magia e realidade, somos levados aos caminhos da mística Chapada Diamantina e entendemos melhor uma vivência que a sociedade urbana desconhece.

Ao falar das permanências, das lutas e também dos lutos da comunidade quilombola da fazenda da Água Negra, o autor Itamar Vieira Júnior fala da geografia rural, agrária, mas não acredita que faça uma literatura regionalista: fala a partir de seu centro, que apenas está fora do eixo Rio - São Paulo. Não concebe, também, uma literatura "apolítica". Para ele, o país passou a enxergar seus problemas e a tratá-los na literatura.

*Torto Arado* faz isso com maestria. ▼



NA CIDADE, NOS PEDESTRES QUE  
ANDAM DE PASSAGEM, NOS DEUSES, NOS TRANSEUNTES.  
ONDE ESTÁ O NOSSO OLHAR? CAPITALISMO, NEUROSE, A ANSIEDADE QUE AGONIZA DIANTE  
DA MEDIOCRIDADE. ELES QUEREM ACABAR COM TUDO, MAS POESIA NÃO TEM FIM, POR MAIS  
QUE OS TRANSEUNTES TENHAM. MATA-SE A CIDADE MAS NÃO SE CALAM AS EMPENAS DOS  
MUROS GRAFITADOS QUE GRITAM A REALIDADE. AS CIDADES EXISTEM PELO LADO DE FORA E  
PELO LADO DE DENTRO. AS FUMAÇAS NEGRAS DOS CARROS QUE SOBEM SOB O CÉU AZUL  
SOBRE NOSSAS CABEÇAS, ELAS NÃO TÊM FIM. JÁ AS CRIANÇAS QUE NÃO TÊM ESCOLA TÊM SEU  
FIM PREDESTINADO E SERVEM DE SACOS DE PANCADA AO SISTEMA QUE RESPONDE COM  
VIOLÊNCIA E PAIXÃO, EXERCÍCIO PARA O IMPENSÁVEL. AS CIDADES ESTÃO A POSTOS E ESSAS  
CRIANÇAS TAMBÉM. O DIA A DIA REVELA O GRÃO, O PÃO E O CHÃO DE QUEM DORME DA  
RUA E NÃO TEM NADA DISSO: NEM GRÃO, NEM PÃO E NEM CHÃO. OS CORPOS CAÍDOS PELAS  
CALÇADAS NÃO NOS PERTENCEM. OS NECESSITADOS MORTOS-VIVOS SÃO OS OUTROS. AS  
IMAGENS RETIRADAS DA CIDADE SÃO UM VEREDICTO DE RECORTES QUE NOS REPRESENTAM,  
EMBORA GOSTARÍAMOS QUE FOSSE DIFERENTE. OS MONSTROS, OS DEUSES E OS TRANSEUN-  
TES. ONDE MESMO ESTÁ A NOSSA PREOCUPAÇÃO? DENTRO E FORA DA IMAGEM VAZADA É A  
CIDADE QUEM VÊ. A CIDADE TEM ALMA E SUSSURRA BAIXINHO: OU VOCÊ PERCEBE E ME  
DECIFRA, OU TE DEVORO EM TRINTA SEGUNDOS.

**A CIDADE SUSSURA**  
Talita Gantus

# ao rés do chão: cidade e poema

em *O menor amor do mundo*, de Rafael Zacca  
por Daniel Grimoni

Ter direito à cidade ou à palavra envolve também a capacidade de estabelecer relações, conhecimento, produzir mundos – no contato com uma ou outra – que não estejam subordinados a poderes e discursos oficiais, à sua validação.

Embora vivamos um tempo de negacionismo científico, parece cada vez mais necessário propor esse debate junto ao reconhecimento de que mesmo aqueles saberes ou políticas que consideramos verdadeiros ou corretos podem ser – e frequentemente já foram – utilizados como instrumentos de poder, hierarquia, monopólio do direito a produzir entendimento sobre as coisas.

Onde encontrar linhas de fuga desse processo? Em que espaços podemos retomar a possibilidade de conhecer, descrever ou mesmo inventar nossas experiências de vida e mundo?

O geógrafo Milton Santos, em 1978, já apontava para a “reconstrução de um espaço geográfico que seja realmente o espaço do homem [sic], o espaço de toda gente e não o espaço a serviço do capital e de alguns”.

Em uma perspectiva alargada, podemos compreender “o espaço de toda gente” também como uma verdade de elaboração e experiência com a cidade, com a linguagem,

iem que estas não sejam de posse exclusiva de parte da espécie humana e seus modos de existência.

Por isso, este é também um texto menor, íntimo e comprometido.

**Rafael Zacca** é poeta, crítico, professor e oficinairo. Vive no Méier, no subúrbio do Rio de Janeiro. Conheci Zacca em uma oficina de poesia na UERJ, espaço onde aprendi, talvez pela primeira vez, que a poesia pode pisar o mesmo chão sujo que a gente. É nossa para revirar. É do mundo e também de suas miudezas.

Em seu último livro, *O menor amor do mundo*<sup>2</sup> o poeta traz ainda mais para perto a atenção de seu trabalho, que há tempos percorre, também, o pequeno cotidiano – garrafas de cerveja, cupins, amigos sem grana, bonequinhos em miniatura.

O livro se inicia com uma seção de mesmo nome, em que conhecemos os *minianjos*, inspirados nas obras do pintor suíço Paul Klee (1879-1940). Criaturinhas muito pequenas desfilam diante de nossos olhos, como o *minianjo cheio de esperança*, que “todos os dias / se esconde / na casca / das bananas”, à espera do “balé das moscas”.

Mas em *O menor amor do mundo*, até as coisas grandes, como a própria cidade, tornam-se pequenas; ou, ao menos, do nosso tamanho.

<sup>1</sup> Santos, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo: Perseu Abramo, 2000, p. 267.

<sup>2</sup> Zacca, Rafael. *O menor amor do mundo*. Ed. 7Letras, 2020.

## **erva daninha**

toda rua se planta  
com o pé que a pisa  
e tem quem cuide da cidade  
só com a sola dos pés  
lembro do cuidado  
do meleca ao passar  
a caneta no bira o balão  
no zeca semeando o asfalto  
lá em senador camará  
que hoje cresce como erva  
daninha em meu coração  
também eu plantei  
as pernas numa  
rua de camará olhando  
a vanessinha eu tinha  
6 anos e nenhuma escolha  
e vanessinha cheia  
de sorvete de manga  
na manga da camisa  
outro dia soube  
que o meleca morreu  
riscado de faca  
na água santa  
meu coração virou  
a sua casa  
pudera eu  
quando morresse  
crescer também  
erva daninha  
no coração da vanessinha  
é que a vanessinha  
foi a primeira  
das namoradas  
que eu não tive



Seja lá o que for o mundo, parece que ele existe em relação com nossos pés, com ervas daninhas, futebol de rua, perdas de amigos e amores de infância. Um espaço de vagabundagem, errância, experiência e conhecimento. A rua é plantada por quem a pisa, em um gesto de trazer para baixo e para perto aquilo que, normalmente, é posto fora de alcance – como a construção da cidade que se habita.

Esse é um movimento que me remete ao trabalho do filósofo italiano Giorgio Agamben, especialmente em seu Elogio da profanação. “*Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde sua aura e acaba restituído ao uso*”, diz Agamben, para quem a profanação seria essa operação que “*desativa os dispositivos do poder e*

*devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado*”<sup>3</sup>.

Trazendo mais gente à conversa, penso também no escritor chileno Luis Sepúlveda, segundo o qual a literatura “*preocupa-se em contar as histórias dos pequenos, normalmente dos perdedores e derrotados*”<sup>4</sup>.

Devolver poesia e mundo ao uso comum, enfim, é exatamente o que enxergo nos textos de *O menor amor do mundo*. O poema surge também como reivindicação da cidade, que aqui não se trata de um espaço abstrato e universal; as ruas que atravessam esses textos têm nome, se entrelaçam com memórias e afetos. São as ruas dos subúrbios cariocas, como a região do Méier e adjacências.

---

<sup>3</sup> Agamben, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 61.

<sup>4</sup> Sepúlveda, Luis. *A literatura conta as histórias dos pequenos, perdedores e derrotados*. [Entrevista concedida a] Maria João Costa. Disponível em: <<https://rr.sapo.pt/2017/06/23/vida/luis-sepulveda-a-literatura-conta-as-historias-dos-pequenos-perdedores-e-derrotados/noticia/87001/>>. Acesso em fevereiro de 2021.

Rio de Janeiro, RJ  
(2020)



**o galo celestial desce  
[aos subúrbios**

os chineses conhecem  
um galo que canta  
três vezes ao dia  
na primeira sacode os céus  
e acorda a humanidade  
por isso o chamam  
galo celestial  
também eu chineses  
mereço o título  
ao menos quando  
levanto e cruzo o méier  
de chinelos Jorge bem  
e os filhos  
de gandhi vêm comigo  
pro engenho de dentro  
vinte reais no bolso  
a camisa amarrotada  
como os meus amigos  
(eles têm dobras  
e eu os estendo pela manhã  
no varal de qualquer maneira)  
para tomar uma gelada  
e comer na calçada  
do codorna do feio  
sou eu quem os acorda  
aos domingos chineses

Nanning, China  
(2018)

março 2021

página 15



Pedra do Sal  
Rio de Janeiro, RJ  
(2020)

É, inclusive, nesse bar do Méier que se desenrola a maior das seções em que se divide o livro. Trata-se de “o banquete no codorna do feio”.

O poeta, aqui, estica o elástico da tradição e arrasta a filosofia grega para dentro desse espaço, apropriando-se d’*O Banquete*, de Platão, para criar uma conversa sobre o desejo, ou Eros: entre cervejas geladas, linguiça frita, amigos e o “calor desolado” do subúrbio do Rio. De certa forma, também repagina a ideia de uma *filosofia de boteco*, isso que deve existir, quem sabe, desde o nascimento da Filosofia (ou dos botecos: o que tiver acontecido primeiro).

*você vai gostar de saber  
estavam todos lá  
todos mais jovens  
no calor desolado  
do codorna do feio  
nossa carne  
de pior qualidade nosso  
amor de segunda  
não seria difícil  
um carro moendo  
a gente na esquina  
da dias da cruz com a dr bulhões  
os ossos  
travando a combustão  
antes do fim  
naquela que poderia  
ter sido a última*

*refeição  
vai gostar de saber  
que a gente viveu  
e do que heyk julya  
victor flora  
diva e até o feio  
disseram do desejo*

O assunto é o desejo. Os amores menores, os sujos, os carinhosos, o tesão. Mas talvez se fale também da cidade, da periferia, da disputa por espaços e possibilidades. Quem são essas personagens que falam? Serão, certamente, desconhecidas para a esmagadora maioria das pessoas – assim como quase todos nós – e, no entanto, ocupam o lugar da filosofia e da poesia, têm seus discursos registrados e transmitidos.

Esses assuntos, frequentemente vistos em pedestais, são lançados sobre o chão dos subúrbios cariocas; que, por sua vez, também ganham potência e espaço nas páginas do livro.

Por isso, trata-se de poemas que, ao menos no interior de seus limites, emancipam a cidade e a poesia, devolvendo-as para os pés e mãos de toda a gente que as percorre diariamente – nós que insistimos, em meio à constante dificuldade da vida, ainda que por debaixo do radar, fazer mundo com aquilo que cresce nas entranhas, amarrota os sentidos e raramente conhece reprodução. ▼

EU DIRIA TEMPESTADE. EU  
DIRIA RIO. EU DIRIA TORNADO.  
EU DIRIA ÁRVORE. EU DIRIA  
MOLHADO POR TODAS AS  
CHUVAS, UMEDECIDO POR  
TODOS OS ROSADOS. EU ROLA-  
REI COMO SANGUE FRENÉTICO  
SOBRE A LENTA CORRENTE DO  
OLHO DAS PALAVRAS EM CAVA-  
LOS LOUCOS EM MENINOS  
VIÇOSOS EM COÁGULOS EM  
TAMPAS EM VESTÍGIOS DE  
TEMPLOS EM PEDRAS PRECIO-  
SAS, O SUFICIENTEMENTE  
LONGE PARA DESENCORAJAR OS  
MENORES. QUEM NÃO ME  
COMPREENDE TAMPOUCO  
COMPREENDERÁ O RUGIDO DO  
TIGRE.

**CADERNO DE UM RETORNO  
AO PAÍS NATAL**  
Aimé Césaire

# as cidades invisíveis

de Ítalo Calvino

por Bárbara Zambelli

*“Até as cidades acreditam que são obra da mente ou do acaso, mas nem uma nem outra é suficiente para sustentar seus muros. Você não gosta das sete ou setenta e sete maravilhas de uma cidade, mas da resposta que ela dá à sua pergunta.”*  
Ítalo Calvino

Sentada em frente ao computador, no escritório montado dentro de casa, assumo o desafio de escrever sobre a obra de um gigante: **Ítalo Calvino**. Mais ainda, ousou falar sobre *As Cidades Invisíveis*. Como escreve Adriano Schwartz na abertura da edição publicada pela Folha<sup>1</sup> “por definição, é impossível mapear essas cidades invisíveis e, por consequência, inviável localizá-las”. Então, talvez seja exatamente por isso que encontro tanta dificuldade em começar este texto. Na minha cabeça de geóloga, viciada em mapear, ecoa a questão: como falar sobre uma obra que descreve cidades que não se situam num espaço específico?

*As Cidades Invisíveis* é um romance escrito por Ítalo Calvino e publicado em 1972. A trama se desenvolve no século 13, quando Marco Polo, o mercador veneziano, teria chegado às portas do Extremo Oriente, depois de viajar pela Ásia através da Rota da Seda. Na capital do império, ele conhece Kublai Khan, o grande imperador tártaro. A partir daí, o autor extrapola os fatos históricos e desenvolve a narrativa de forma

fantástica, ao mesmo tempo que segue um rigor matemático na organização do livro.

O livro se divide entre a descrição das cidades e diálogos entre Polo e Khan, quando o imperador indaga ao viajante sobre suas andanças, como são os lugares por onde passou e as cidades que conheceu ao longo de suas viagens pelo imenso império. Como imperador, ele sabia que nunca seria capaz de conhecer toda a extensão de seu império, e fazia de Polo, seus olhos.

*Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.*  
— *Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta Kublai Khan.*  
— *A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco -, mas pela curva do arco que estas formam.*  
*Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:*  
— *Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. Polo responde:*  
— *Sem pedras o arco não existe.*

Todas as 55 cidades descritas têm nomes (e também características) femininas, e são organizadas em 11 temas: as cidades e a memória, as cidades e o desejo, as cidades e os símbolos, as cidades delgadas, as cidades e as trocas, as cidades e os olhos, as cidades e o nome, as cidades e os mortos, as cidades e o céu, as cidades contínuas e as cidades ocultas.

<sup>1</sup> Calvino, Ítalo. *Cidades invisíveis*. Editora Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://bit.ly/3t2cOrH>>

A narrativa é cuidadosa e sensível. Ao descrever as cidades, Polo apresenta a sua percepção da organização territorial (espacial e social). Ele descreve as cidades a partir de sua vivência. Isso põe em confronto a personalidade curiosa de Kublai, que não tem o privilégio de conhecer seu império pessoalmente e só é capaz de o fazer através das histórias de Polo. Mas o próprio Polo o alerta: "jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve."

Esse livro mudou a forma como leio as cidades que conheço, por onde passo a trabalho ou vou a descanso. Os inúmeros lugares que já vivenciei, de forma intensa ou superficial, rápida ou demorada. A própria percepção sobre o tempo. As relações com a natureza, com o que se constrói e com o que se destrói. As trocas, os mercados, os intercâmbios. As relações entre as pessoas, e delas com seus mortos. A relação delas com os forasteiros. E dos forasteiros com a cidade, como se encontram e como se perdem, por meio dos labirintos formados pelas ruas e vielas. Sou curiosa por natureza, natural das Minas Gerais, e, desde que me entendo por gente, sem residência fixa. Quando me deram o nome de Bárbara já estaria eu de certa forma fadada a ser sempre forasteira?

Aproveito esse momento para agradecer à Gabi Pessoa, amiga que me indicou [e me emprestou uma cópia] do livro que me abriu as portas da percepção para outros modos de ver e experimentar as cidades, e, sobretudo, para outras possibilidades narrativas. Obrigada!

Inspirada pelas Cidades Invisíveis, descrevi São Paulo à la Calvino [espero que me perdoem por tamanha ousadia]:

*A cidade impermeável*

"A cidade de São Paulo pode ser avistada de longe, com suas torres reluzentes e pássaros de metal que cortam os céus. A chegada não é menos impressionante. Por onde se olha se vêem largas avenidas de asfalto, viadutos e overdrives. Os shoppings centers preenchem os boulevards como contas em um terço, um após o outro. As pessoas vivem empoleiradas, algumas em prédios e outras em barracos. Os bichos soltos se restringem a ratos, pombas e baratas. Vez ou outra é possível ver a força de uma árvore que nasce sobre o concreto, quebrando-o e causando dor de cabeça aos moradores locais. Em outro momento, sua copa atrapaalha a fiação que leva a eletricidade - símbolo máximo da urbanização e do progresso (depois dos carros, é claro). Aqui, a natureza ou foi empurrada para fora dos limites do que é considerado "urbano", ou confinada em pequenos parques, ou ainda em vasos dentro de apartamentos.

O verão é bastante chuvoso. E quando chove, a água não consegue infiltrar onde antes havia terra. Ao encontrar o asfalto e o concreto, ela escorre. Pode ser que ela seja capturada por uma boca de lobo e direcionada pro rio mais próximo. Mas cadê o rio? Olho em volta e não vejo. A cidade dos carros e da modernidade tratou logo de esconder seus rios. Eles, que serviram como a base da cidade de outrora, agora estão escondidos sob as grandes avenidas e boulevards. Mas a água é forte e mostra a que veio. Quando chove ela reclama para si novamente os lugares que ela ocupava outrora. E então as grandes avenidas e boulevards se enchem de água. E os moradores não tardam a reclamar que a água está invadindo tudo. Ora, aposto que a água pensa o mesmo! Quem invadiu o espaço do rio e concretou a superfície?" ▼

São Paulo, SP  
(2021)

# equipe de elaboração



## talita gantus

Talita é mineira, atualmente residente em Campinas. Cientista por paixão, educadora por inspiração e otimista por natureza. Geóloga pela Universidade Fede-

-ral de Ouro Preto e mestra em Geociências pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente, é doutoranda pela Unicamp, na linha Política e Gestão dos Recursos Naturais, no Instituto de Geociências. Co-fundadora d'a\_Ponte. Integra o Grupo de Pesquisa e Ação em Conflitos, Riscos e Impactos Associados a Barragens (CRIAB/Unicamp), atuando no eixo 'Educação & Sociedade'. Professora de geografia no Curso Popular Lélia Gonzalez. Desenvolveu trabalhos de caráter extensionista pelo Grupo de Estudos em Geotecnia (GEGEO/UFPR), atuando em práticas pedagógicas e educativas nas temáticas de riscos em áreas urbanas. Articuladora no Fórum Popular da Natureza. Entusiasta da poesia e da linguagem, acredita que pedagogia crítica e comunicação, combinadas, são importantes ferramentas de mobilização antiestruturas de opressão.

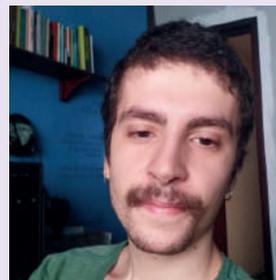


## bárbara zambelli

Bárbara é engenheira geóloga (Universidade Federal de Ouro Preto / University College Cork), espeleóloga e comunicadora científica.

Desde o início da graduação, ela se envolveu em estudos sobre o carste, primeiro tecnicamente, mas com uma preocupação crescente em relação às suas implicações sociais, ambientais e políticas. Co-fundadora d'a\_Ponte. Atualmente ela trabalha como consultora

pesquisadora independente em tópicos relacionados principalmente ao carste (mas não exclusivamente), como espeleologia, hidrogeologia e geomorfologia. Desde 2017, participa como redatora voluntária do blog Geology for Global Development (GfGD), hospedado no site da European Geosciences Union. Em 2020, passou a integrar a Comissão de Geoética da Sociedade Brasileira de Geologia (SBG) e o Early Career Scientist Team, da Associação Internacional para Promoção de Geoética (IAPG).



## daniel grimoni

Daniel é artista, estudante de Letras pela UNIRIO e professor de Linguagens no pré-vestibular social Leonhard Euler. Publicou os livros

de poesia *Todo (o) corpo agora* (2019) e *Bicho bicho* (2020), este último em co-autoria. Faz parte da equipe editorial da Revista Tropel, que propõe atravessamentos entre educação e linguagens. Estuda questões ligadas à geografia, ecologia, antropologia, arte e educação, entre outras áreas de conhecimento que ofereçam desvios das formas de opressão e perspectivas para outros mundos possíveis.



## marina morgan

Marina é jornalista pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Sua pesquisa se concentra na área de processos comunicativos e práticas sociais, com foco na valorização da literatura em língua portuguesa. Durante a graduação participou da cobertura fotográfica do rompimento da barragem da Samarco em Mariana para a Curinga, revista-laboratório do curso, e atualmente participa do grupo de pesquisa Poéticas Fotográficas, também da UFOP. Seus interesses maiores se concentram nas áreas de comunicação, literatura, fotografia e suas relações diretas com a sociedade.



### **fernanda tolentino**

Fernanda é graduada em Engenharia Geológica pela Universidade Federal de Ouro Preto, com período sanduíche na Universidad de Salamanca, Espanha.

É mestranda em Engenharia Geotécnica pelo Núcleo de Geotecnia da Universidade Federal de Ouro Preto. Apaixonada pela possibilidade de aliar conhecimentos acadêmicos à melhoria na qualidade de vida da sociedade, sua linha de pesquisa é voltada para avaliação de riscos em comunidades e proposições técnicas de como reduzi-los, criando comunidades mais resilientes. Interessada em fazer a diferença. Profissionalmente, atuou como engenheira geóloga na VLB Engenharia entre 2013 e 2018 e como coordenadora do setor de Geotecnia da multinacional Proyfe Brasil.

### **Conselho editorial**

Bárbara Zambelli  
Talita Gantus

### **Edição**

Talita Gantus

### **Revisão**

Fernanda Tolentino  
Talita Gantus

### **Direção de arte**

Bárbara Zambelli

### **Capa**

Bárbara Zambelli

### **Fotografia**

Bárbara Zambelli



## SOBRE a\_Ponte

Soy América Latina, un pueblo sin piernas,  
pero que camina.

SOMOS UMA ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL E DESEJAMOS ATUAR NA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS PROVENIENTES DA GESTÃO DO ESPAÇO E DO MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS, MITIGANDO, POR MEIO DE AÇÕES DE FATO ESTRUTURAIS, OS IMPACTOS SOCIO-AMBIENTAIS RESULTANTES DESSES PROCESSOS.

NOS APRESENTAMOS A VOCÊS POR MEIO DE UMA PLATAFORMA COLABORATIVA QUE TEM COMO PRINCIPAL OBJETIVO CONSTRUIR PONTES. PRODUZIMOS E DIVULGAMOS CONTEÚDOS GEOCIENTÍFICOS [E SOCIALMENTE RELEVANTES] EM LINGUAGEM ACESSÍVEL.

BUSCAMOS, POR MEIO DA VALORIZAÇÃO DE SABERES LOCAIS, PROMOVER DEBATES PRODUTIVOS E COSTURAR REDES. DISPONIBILIZAMOS FERRAMENTAS, CONHECIMENTOS E METODOLOGIAS PARA A PARTICIPAÇÃO E O ENVOLVIMENTO DAS PESSOAS EM SUAS REALIDADES LOCAIS, COMO CIDADÃS E CIDADÃOS CONSCIENTES DO MEIO QUE NOS CERCA.

ENTENDEMOS QUE A CONSCIENTIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NÃO É UM RESULTADO IMEDIATO DA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE OS PROCESSOS NATURAIS. É, NA VERDADE, UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA E POLÍTICA, CARREGADA DE ESCOLHAS HISTÓRICAS QUE RESULTAM NA BUSCA DE UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL.

TEMOS COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA UMA RELAÇÃO DIALÉTICA, RECÍPROCA E HORIZONTAL. A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE AÇÃO CONCRETA NO MUNDO, FEITA POR SUJEITOS CONCRETOS, A PARTIR DE UMA REFLEXÃO SOBRE UMA REALIDADE VISANDO TRANSFORMÁ-LA.

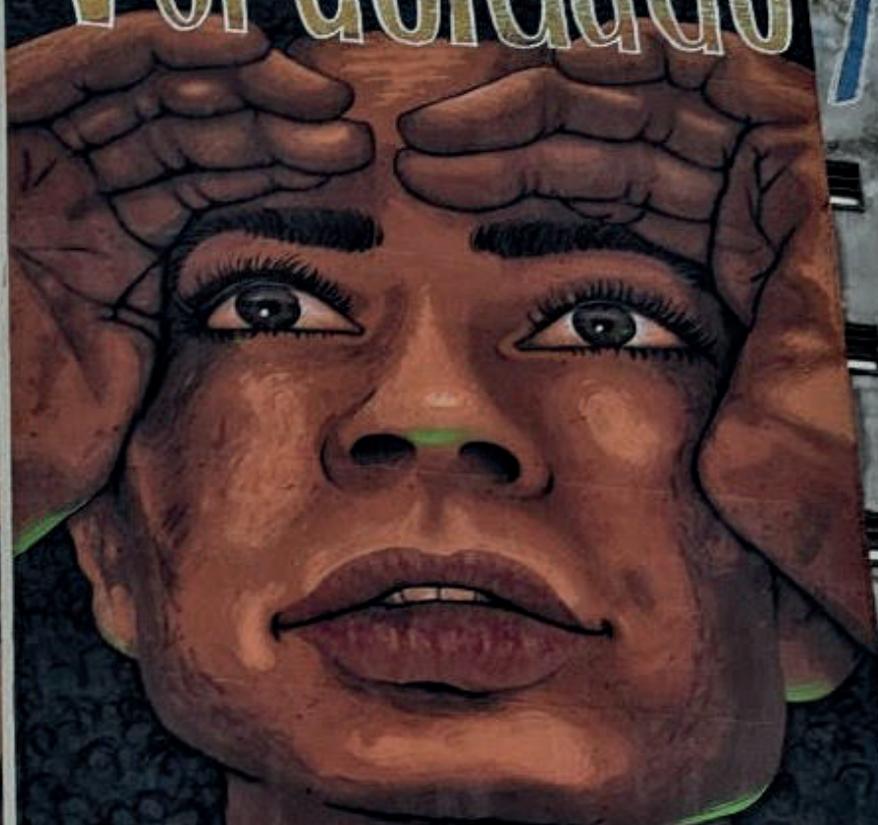
CONSTRUIREMOS, A PARTIR DAQUI, UMA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL. UMA EDUCAÇÃO PARA OUTRO MUNDO POSSÍVEL. FAREMOS COM QUE AS AÇÕES AQUI PROPOSTAS PROMOVAM UMA REFLEXÃO, POR PARTE DA SOCIEDADE CIVIL, DAS UNIVERSIDADES, DO PODER PÚBLICO E DO SETOR PRIVADO, SOBRE SEU PAPEL NESTA CONSTRUÇÃO.

SEREMOS A BÚSSOLA QUE APONTA PARA  
ESSE NOVO MUNDO POSSÍVEL!



colagem:  
Milena Magoga

Veracidade



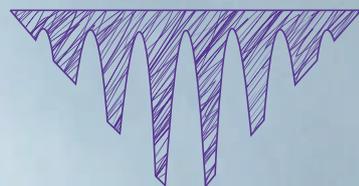
pode  
haver

igualdade

Mauro  
20

@veracidade

a\_Ponte



acesse nossas  
redes em

[https://linktr.ee/a\\_Ponte](https://linktr.ee/a_Ponte)

